

# ENSAIOS EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Igor Soares Amorim  
Rodrigo de Sales  
(Orgs.)



**ENSAIOS EM  
ORGANIZAÇÃO DO  
CONHECIMENTO**

Igor Soares Amorim  
Rodrigo de Sales  
(Orgs.)

PROJETO GRÁFICO | DIAGRAMAÇÃO

Chris Dalla Costa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Editora Udesc

**DOI 10.5965/978-65-88565-20-9**

E59 Ensaios em organização do conhecimento / Igor Soares Amorim e Rodrigo de Sales; Projeto gráfico Chris Dalla Costa - Florianópolis: UDESC, 2021.  
212 p. : il.

ISBN-e: 978-65-88565-20-9

Inclui referências e posfácio.

1. Ciência da Informação. 2. Organização da informação. 3. Sistemas de organização do conhecimento. I. Amorim, Igor Soares. II. Sales, Rodrigo de. III. Costa, Chris Dalla.

CDD: 020 - 20. ed.



**UDESC**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE  
SANTA CATARINA

Dílmir Baretta

**Reitor**

Luiz Antonio Ferreira Coelho

**Vice-Reitor**

Marilha dos Santos

**Pró-Reitor de Administração**

Márcio Metzner

**Pró-Reitor de Planejamento**

Nerio Amboni

**Pró-Reitor de Ensino**

Mayco Morais Nunes

**Pró-Reitor de Extensão,  
Cultura e Comunidade**

Letícia Sequinatto

**Pró-Reitor de Pesquisa  
e Pós-Graduação**



EDITORA

**UDESC**

Marcia Silveira Kroeff

**Coordenadora**

Fone: (48) 3664-8100

E-mail: [editora@udesc.br](mailto:editora@udesc.br)

<http://www.udesc.br/editorauniversitaria>

CONSELHO EDITORIAL

Marcia Silveira Kroeff | Presidente

Alexandre Magno de Paula Dias | CESFI

Fernanda Simões V. Guimarães Torres | CEFID

Giovanni Lemos de Mello | CERES

Janine Kniess | CCT

Monique Vandresen | CEART

Nilson Ribeiro Modro | CEPLAN

Rafael Tezza | ESAG

Renan Thiago Campestrini | CEAVI

Rosana Amora Ascari | CEO

Roselaine Ripa | CEAD

Silvia Maria Fávero Arend | FAED

Veraldo Liesenberg | CAV

# A análise discurso de Michel Pêcheux e a organização do conhecimento: possibilidades teórico-metodológicas

**THIAGO HENRIQUE BRAGATO BARROS**

Departamento de Ciência da Informação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## 1 INTRODUÇÃO

Organização e Representação do Conhecimento (ORC) é uma área que contribui de forma fundamental para o desenvolvimento de metodologias no acesso à informação; neste sentido, têm-se apresentado uma série de desdobramentos ao desenvolvimento de linguagens, estruturas, classificações, ou seja, sistemas de organização do conhecimento.

A análise do discurso (AD) trata de um desdobramento teórico metodológico dos movimentos sociais e científicos ocorridos na França a partir dos anos 1960; busca-se, por meio deste artigo, a discussão dos aspectos da análise do discurso e a possibilidade de uso no universo da ORC.

Das teorias próximas ao discurso, alguns autores têm sido utilizados e lembrados como fundamentais à análise dos fenômenos epistemológicos da Ciência da Informação. Michel Foucault é sempre o mais lembrado por seu grande impacto em todas as Ciências Humanas e Sociais, contudo seu papel enquanto teórico do discurso é marginal a sua obra e à teoria do discurso. Ainda, outros autores basilares são lembrados neste percurso, como Jacques Derrida e o seu *Mal d'Archive: Une Impression Freudienne*. Denominados por alguns críticos como pós-modernistas, pós-estruturalistas ou estruturalistas especulativos. (DOSSE, 1993; GREGOLIN, 2006).

Especialmente nos trabalhos em que buscavam fugir de perspectivas positivas em território do campo por uma busca de

compreensão diferente das visões “tradicionais” da área, uma vez que as teorias francesas tiveram impacto “retardado” no Canadá, Estados Unidos, países que tradicionalmente têm se voltado ao estudo das questões discursivas na Ciência da Informação. Percebe-se Foucault na obra de Frohmann (1992; 1994; 2001, 2004), Campbell (2007) e Derrida na obra de Terry Cook (1997, 2001a, 2001b), Tom Nesmith (2002, 2004), entre outros.

Contudo, apesar da importância dada a estes dois autores e sua lembrança sempre presente em trabalhos onde eram discutidas as perspectivas antipositivas, pouco se trabalha estruturalmente e de forma transversal no que se relaciona ao discurso em si, especialmente quando as palavras “análise” e “discurso” aparecem nos títulos, resumos, palavras-chave, etc., de capítulos, livros e periódicos da ORC.

Pincipalmente, devido ao fato de estes trabalhos serem recentes e em terrenos distantes daqueles que, tradicionalmente, lidam com discurso. Países como a França e o Brasil têm discutido discurso e enunciação em ambiente universitário desde a década de 1980, completamente diferente do cenário norte-americano, onde as teorias da gramática transformacional de Chomsky e Análise Crítica do Discurso foram mais difundidas e, em alguns casos, confundidas com a análise do discurso francesa.

Assim, dois nomes e duas teorias são sempre esquecidos: Jean Jaques Coutine e Michel Pêcheux, a teoria da enunciação e o materialismo histórico, nas pesquisas que relacionam discurso, organização e ciência da informação.

É fundamental destacar que a AD é uma teoria comprometida, ou seja, compreende que em toda produção textual existe uma visão enviesada, particular, filiada e que toma partido ao discurso que se inscreve e tem como seu fundador Pêcheux e seu projeto de AD, com um campo de conhecimento interdisciplinar, guiado pelo discurso enquanto um objeto teórico entendido, ao mesmo tempo, como acontecimento e estrutura.

Portanto, a visão do discurso como aporte teórico à OC, significa um novo eixo no âmbito das análises realizadas à construção de sistemas, abordagens e estudos. Justamente, por ver nos termos não só a questão dos conceitos, como tradicionalmente se trabalha em OC, mas olhar para a ideologia e às construções de sentido como históricas e sociais. Assim, a título de referência, os

sistemas de ORC são, basicamente, conforme Dahlberg postula,

A organização e representação do conhecimento deve ser baseada em unidades de conhecimento — que são nada mais que conceitos. Conceitos consistem em elementos conceituais, ou características conceituais e esses são fatores pelos quais sistemas conceituais — e sistemas de classificação são sistemas conceituais — podem ser construídos. (1992, p. 21, *tradução nossa*).

Já, enquanto campo científico, a ORC pode ser fundamentada em vários eixos de estudo, especialmente, esses de acordo com Hjørland (2016) 1) Abordagens práticas e intuitivas, 2) Abordagens baseadas em consenso, 3) abordagens baseadas em análise de facetas, 4) Abordagens cognitivas e baseadas em usuários, 5) Análise de domínio e abordagens epistemológicas.

O discurso em sua vertente francesa, construída e concatenada por Michel Pêcheux, pode complementar abordagens voltadas à análise de domínio, abordagens epistemológicas e usos do conhecimento para além das perspectivas terminológicas e conceituais.

## 2 DEMARCANDO O DOMÍNIO DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A ORC enquanto campo representa uma especialização à Ciência da Informação, isto é, um palco de estudo institucionalizado socialmente e cientificamente dentro da área de Ciência da Informação para discutir teorias e metodologias relacionadas aos vários processos de representação e organização; “ a organização do conhecimento [...] como um campo distinto, considerado hoje com uma subárea (ou com um link com a Ciência da informação.) “ (Mazzocchi, p.54, 2018, *tradução nossa*.)

Ela é, portanto, um campo que buscará estudos sobre os aspectos da construção tesouros, vocabulários controlados, taxonomias, ontologias, ou seja, uma gama de instrumentos-processos que visam à busca e apropriação do conhecimento, tradicionalmente ligada à Ciência da Informação.

Assim, os processos tradicionalmente vinculados à ORC, evidentemente, estão atrelados às bibliotecas e à informação para a ciência. Nesse sentido, os processos de leitura, análise e construção

de linguagens especializadas estão, em sua maioria, relacionados a esse universo, porém, conforme a própria trajetória da ORC, a maior preocupação é o conteúdo e sua representação. Portanto, o discurso pode ser uma instância complementar à representação e análise, já que se pensa para além do que é dito, para o não dito.

O processo de construção desta área pode ser fundamentado nestes autores: “de Cutter (1837–1903), Richardson (1860–1939), Sayers (1881–1960) e, também of, Bliss (1870–1955), que usou o termo *Knowledge Organization* em dois importantes livros, *The Organization of Knowledge and the System of the Sciences*, datado 1929, and *The Organization of Knowledge in Libraries and the Subject-Approach to Books*, de 1933. (Mazzocchi, p. 55, 2018, tradução nossa).

Dahlberg deve ser sempre citada como uma pesquisadora que institucionaliza as práticas (discursivas) no campo da ORC. É o caso de textos do final dos anos 1970 e 1980, relacionados às questões conceituais da organização do conhecimento humano e o desenvolvimento da teoria do conceito.

No universo de atuação da KO, de acordo com Hjørland (2008), dois grandes grupos de ferramentas-processos podem caracterizá-la; são eles: 1) processos de ORC: indexação, catalogação, análise de assunto, classificação; 2) sistemas de Organização e Representação do Conhecimento, gerados para esses processos. Sendo esses últimos os primordiais à efetiva organização.

Em Os *Knowledge organization system* (KOS), tendo por base Mazzocchi (2018) e Hjørland (2008), percebe-se que os sistemas são fundamentais à organização, porém sua maior problemática se dá pela mudança rápida que ocorre e continua a ocorrer. Essa difícil tarefa comum aos KOS é uma das maiores tarefas para seu desenvolvimento.

Em suma, é um termo utilizado para um campo vasto de itens, dentre eles as ontologias, os cabeçalhos de assunto, os tesouros e os esquemas de classificação. Tendo cada um deles uma função e um fundamento tecnológico distinto e usado em uma variedade de agrupamentos sociais. Seu objetivo final é cumprir com a missão da própria KO: facilitar a gestão e o acesso.

Acredita-se, aqui, portanto, em uma ORC integradora que vise contribuir para além de seu próprio campo de atuação,

tendo em vista auxiliar na construção de melhores sistemas de organização do conhecimento.

Hodge (2000, 1, tradução nossa): endossa essa perspectiva

O termo sistemas de organização do conhecimento destina-se a englobar todos os tipos de esquemas para organizar informações e promover a gestão do conhecimento<sup>1</sup>. Sistemas de organização do conhecimento incluem esquemas de classificação que organizam materiais em um nível geral (como livros em uma prateleira), cabeçalhos de assunto que fornecem acesso mais detalhado e arquivos de autoridade que controlam versões variantes de informações importantes (como nomes geográficos e nomes pessoais). Eles também incluem esquemas menos tradicionais, como redes semânticas e ontologias. Como os sistemas de organização do conhecimento são mecanismos para organizar informações, eles estão no centro de todas as bibliotecas, museus e arquivos.

A ORC busca, então, trabalhar de forma aprofundada com a elaboração de sistemas, visando à representação de um determinado domínio. Acredita-se que o discurso pode ser uma forma completa à concepção destes sistemas ou desenvolvimento de análises discursivas, das práticas discursivas desta área.

**Quadro 1:** Dimensões das KOS na literatura da área

*Fonte: Sousa et all (2012).*

Almeida, Souza and Fonseca, 2011	Representational power, Semantic Expressiveness, Intelligibility (for Humans), Formalization (machine oriented)
Bergman, 2007	Semantic Strength, Time/Money
Guarino, 2006	Ontological Precision

Hodge, 2000	Structure and complexity, Relationship between terms, Historical function
Lassila & McGuinness, 2001	Ontology Level (formality of semantic relationships), logical reasoning
Obrst, 2004; Daconta et al, 2005	Semantic Strength
Smith & Welty, 2001	Complexity, logical reasoning
Soergel, 2001a and 2001b	Purpose, Coverage of concepts and terms, Sources, Quality of usage analysis, Conceptual analysis and conceptual structure, Terminological analysis, Use of precombination in the index language, Access and display, Format of presentation of the vocabulary, Updating
Tudhope, 2004	Entities (types, coordination, size, depth), Relationships (types, expressiveness, formality), Typical application to objects in domain of interest (purpose), Relationship applying concepts to objects in domain
Wright, 2006 and 2008	Communities of Practice, Systematic resources, Non-systematic resources, Technology orientation, Degrees of indeterminacy, Language & knowledge-oriented standards, Standards bodies
Zeng 2008	Structure, semantic relationships/functions

*Fonte: elaborado pelo autor*

A partir da tabela exposta, busca-se a síntese de um conceito de KOS. Tendo como base o descrito acima, é possível concluir que as KOS possuem as seguintes características em comum: 1) Poder representativo 2) Formalização 3) Aspectos semânticos 4) Normalização 5) Inter-relacionamento.

Por outro lado, numa abordagem recorrente além dos sistemas de representação do conhecimento e a análise de domínio e, nesta perspectiva, acredita-se que o discurso pode ter um papel fundamental ao desenvolvimento de KOS e da própria concepção do que é dito do ponto de vista da formalização ( das práticas discursivas) típicas da OC.

Hjørland e Albrechtsen (1995) formularam a análise de domínio como uma nova abordagem da ciência da informação. No artigo é enfatizada a natureza social, ecológica e orientada para o conteúdo do conhecimento em oposição às abordagens mais formais, semelhantes a computadores, que dominaram na década de 1980. No mesmo artigo é afirmado que o horizonte mais produtivo para a organização seria o estudo dos domínios do conhecimento como comunidades de pensamento **ou discurso**, que são partes da divisão do trabalho da sociedade. Desde então, esses objetivos representaram as principais características da análise de domínio.

Assim, desde a concepção, a questão do discurso aparece na análise de domínio, contudo é uma perspectiva enviesada e não analítica do discurso em si.

Por uma questão de retomada, são essas as 11 abordagens iniciais, propostas por Hjørland (2002) que, depois, foram revistas por Smiraglia (2015) e Tognoli e Guimarães (2015).

1. Produção e avaliação de guias de literatura e gateways de assunto;
2. Produção e avaliação de classificações especiais e tesouros;
3. Pesquisa sobre competências em indexação e recuperação de informações em especialidades;
4. Conhecimento de estudos empíricos com usuários em áreas temáticas;
5. Produção e interpretação de estudos bibliométricos;
6. Estudos históricos de estruturas de informação e serviços em domínios;
7. Estudos de documentos e gêneros em domínios do conhecimento;

8. Estudos epistemológicos e críticos de diferentes paradigmas, pressupostos e interesses em domínios;
9. Conhecimento de estudos terminológicos, LSP (línguas para fins especiais) e **análise de discurso** em campos do conhecimento;
10. Estudos de estruturas e instituições em comunicação científica e profissional em um domínio;
11. Conhecimento de métodos e resultados de estudos analíticos de domínio sobre cognição profissional, representação de conhecimento em ciência da computação e inteligência artificial (grifo e tradução nossa).

Ainda que desde o texto inicial de Hjørland haja a questão da análise do discurso, não é essa análise do discurso comprometida sócio- historicamente a que nos filiamos; é uma visão reducionista da própria complexidade da análise do discurso e do tecido discursivo, presente nas produções textuais. Acredita-se, portanto, que a análise do discurso deveria ser a décima terceira abordagem à análise de domínio, entendendo a proveniência arquivista como a décima segunda.

Abordaremos essa questão a seguir, à medida que se apresenta a análise do discurso francesa e suas especificidades.

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO DE MICHEL PÊCHEUX

A análise do discurso (doravante denominada AD) é um desdobramento teórico da efervescência filosófica, científica, política e social da França do final dos anos de 1960. Filia-se, portanto, aos estudos de discurso desenvolvidos por Michel Pêcheux e seus desdobramentos nos anos 1970 e 1980.

A AD, desde seu início, tratou de uma mudança de terreno em relação aos estudos da linguagem e da própria ideologia, suas filiações teóricas estão bem demarcadas entre o marxismo, por meio do materialismo histórico, a linguística, por meio da teoria de enunciação e do desenvolvimento de uma teoria própria filiada ao discurso; ou seja, trata-se, acima de tudo, de uma abordagem interdisciplinar e à esquerda do espectro político, mas não limitada a isso, conforme destacamos na introdução deste texto, bem diferente então de associar no mesmo eixo questões de discurso a questões terminológicas; são teorias que possuem objetivos totalmente diferentes.

Para a análise do discurso, a produção textual funciona como um objeto de inscrição daquele e da ideologia; o discurso é um espaço aberto, que parte da língua, já que a materialidade é o texto e é atravessado pela ideologia, circunscrito por sua própria historicidade, isto é, o discurso é, do ponto de vista de sua formulação, um acontecimento e uma estrutura. Um ato único e um ato coletivo. Textos filiam-se a posições ideológicas, históricas, sociais e culturais sem necessariamente se dar conta disso.

Na literatura sobre Análise do Discurso é possível encontrar, atrelada ao conceito de discurso, a metáfora que o relaciona a uma rede de sentidos que se transformam em um tecido discursivo. (BARROS, 2015).

Em Ferreira (2007, p.19), a relação metafórica é assim exposta:

A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não todo; esse sistema abre lugar para o não sistêmico e o não representável.

O objeto da AD não é a língua em si ou suas produções. Portanto, distancia-se do conceito em si ou dos estudos terminológicos; no texto de Hjørland, o discurso parece deslocado e dissociado da realidade do que seu estudo representa. Quando estamos falando de análise do discurso, referimo-nos a outra ideia do que vem a ser o discurso e sua análise; significa, como a literatura da área que a enuncia: uma mudança de terreno que, devido a suas filiações teóricas, apresentarão resultados distintivos, sendo que o discurso necessita dos elementos linguísticos, implicações de uma exterioridade à língua. Ele tem reflexo no texto, mas envolve questões que vão além do âmbito linguístico; neste caso, seus aspectos ideológicos e sociais a que as palavras remetem quando são escritas ou faladas. (BARROS, 2015).

Havendo, então, “furos” no texto que remetem a sua construção social, ideológica, histórica, interpelados pela ideologia e pelo subconsciente. Por isso, pode dizer-se que o discurso é a “palavra em movimento, prática de linguagem”. (ORLANDI, 2007, p.15).

Henry (1997, p.38) relata: “Existem muitos pontos de contato entre aquilo que Michel Foucault elaborou no que se refere ao discurso e aquilo que fez Michel Pêcheux, pelo menos no nível teórico. [...] Uma noção de ‘formação discursiva’ que tem alguns pontos em comum”.

A noção de formação discursiva, como uma instância superior ao próprio discurso do texto, faz-se fundamental nesta perspectiva, à medida que os textos sempre remetem a sua exterioridade discursiva e ideológica. Orlandi (2007, p. 43) esclarece o seu funcionamento:

O discurso se constitui em seus sentidos, porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. [...] deste modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

A formação discursiva constitui-se, então, um espaço do que pode ser dito em relação a um determinado “discurso”, ou seja, o seu universo de formulação e de sua prática, assim as palavras não têm sentido nelas mesmas, seu sentido será determinado por instâncias psíquicas, ideológicas, sociais; a compreensão de enunciado e a produção de sentido não se dá na estrutura, mas no acontecimento. Dito isso, significa que à análise de domínio, o discurso representaria uma completude maior ao domínio analisado; para além das questões conceituais, estaria se refletindo a respeito das questões ideológicas, sociais e políticas do domínio, complementando, assim, a base para a construção de análises de domínios específicos, sistemas de organização de conhecimento (KOS), trabalhos de cunho epistêmico-metodológico.

A fim de exemplificar a perspectiva, podemos construir uma ontologia hierárquica e termológica a partir da teoria do conceito e da terminologia. Ela seria construída de uma forma “tradicional” numa relação termos/terminologia = conceitos.

A mesma ontologia construída, por intermédio da análise do discurso, poderia complementar essa construção numa relação termos+ conceitos+ formações discursivas/ideologias = conceitos.

Portanto, existiria uma desnaturalização e desfragmentação da construção de KOS e acreditamos que, neste sentido, a AD pode contribuir de maneira significativa à área, inclusive para além de questões sistêmicas, mas à concepção das coisas em si.

Analisar o discurso pressupõe um trabalho do analista, isto é: definir e delimitar o objeto que será analisado dentro de uma gama ampla e de uma infinidade de textos possíveis. Para se analisar um discurso, é necessária a construção de um corpus de análise. “O analista do discurso não é uma pessoa neutra. Nunca. [...] Ele deve, igualmente, construir um observatório para si” (MAZIÈRE, 2007, p.23). Assim, há um potencial enorme de aplicação da análise do discurso arquitetada por Pêcheux, para a ORC, na análise de domínio e à construção de sistemas de organização do conhecimento.

Em relação à análise em si, é necessário que o analista tenha uma posição crítica voltada ao objeto analisado por meio de sua tomada de decisão e de suas posições, conforme já foi dito; estamos falando de uma teoria comprometida, que vê a tomada de posição como um fundamento à seleção dos textos e corpus de análise, ou seja, para Pêcheux, os textos, os sistemas e tudo que está circunscrito pela ação humana possui um viés que não passa da ação da ideologia, a estrutura do discurso. Porém, todo discurso parte de um ato, uma ação em si, uma autoria, isto é, um acontecimento.

Por exemplo, se estamos buscando representar um domínio político, significa deixar-se seduzir pelos enunciados e formações discursivas dos textos que se analisa.

Pecheux e Fruchs no seu célebre texto de 1975, que atualiza a análise automática do discurso, sintetizam os procedimentos para uma (possível) análise do discurso, do seguinte modo:

Superfície linguística: entendida no sentido de sequência oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase. Trata-se aí de um “discurso” concreto, isto é, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 [inconsciente] e 2 [consciente], na medida mesmo em que é o lugar de sua realização, sob a forma, coerente e subjetivamente vivida como necessária de uma dupla ilusão;

- Objeto discursivo: entendido como o resultado de transformação da superfície linguística de um discurso

concreto, em um objeto teórico, isto é, em um objeto linguisticamente dessuperficializado, produzido por uma análise linguística que visa anular a ilusão n°2;

- Processo discursivo: entendido como o resultado da relação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies linguísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas. Este acesso ao processo discursivo é obtido por uma dessintagmatização que incide na zona de ilusão–esquecimento n°1. (PECHEUX & FUCHS, p.180, 1975).

A AD por intermédio de sua abordagem visa desnudar a atuação da ideologia, esquecimento número 2, retirando do texto, por meio da teoria da enunciação, a parente naturalização presente nas produções textuais e, por fim, por meio da teoria do discurso, trabalhar a questão da dessintagmatização e chegar ao centro destes esquecimentos que é subconsciente.

Essa acepção tem sido utilizada para analisar uma série de discursos da área através do trabalho desenvolvido por Barros (2017). Já foram analisados códigos de ética em arquivologia (SILVA, BARROS, MORAES, 2018), políticas de indexação (GARCIA, REDIGOLO; BARROS, MORAES, 2019), conhecimentos tradicionais (DANTAS, BARROS, BENCHIMOL, MORAES, 2018), princípios arquivísticos (BARROS, 2017), descrição arquivística (MARTINS, BARROS, MORAES, 2019) e a International Society for Knowledge Organization (EVANGELISTA, BARROS, MORAES, 2018).

Análise do discurso ficará, por meio do texto de Pêcheux, conhecida como uma teoria não subjetiva do sujeito, à medida que busca nos textos desvendar as relações entre as ideologias, as instituições e os sujeitos. Cabe, aqui, clarificar que é essa justamente a posição que foi visualizada ao longo da trajetória de pesquisa, desnudar ao menos as relações entre os textos técnicos e científicos e sua historicidade e ideologia. Filiando-se, portanto, à matriz francesa em análise do discurso, calcada, fortemente, nos estudos de Pêcheux sobre discurso.

#### 4 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E ANÁLISE DO DISCURSO

A OC, enquanto uma especialidade da ciência da informação representa uma maturidade acadêmica e científica desta área à

proporção que seus estudos vão se tornando mais especializados. Dito isso e tendo por base a literatura da área, é possível perceber que metodologias de estudo como análise de domínio são sistematizações e visam ao estabelecimento de parâmetros, balizas metodológicas à replicação de um modelo, ou seja, estamos falando, realmente, de uma ciência verificável e replicável.

Desde seu início, a AD esteve presente em seus eixos, no entanto, sua aplicação parece colocar no mesmo bojo teorias distintas que em seu próprio percurso de enunciação se diferenciam. Terminologia, por exemplo, trata-se de uma teoria fundamentalmente da linguística, com profundas aplicações na CI, mas não um campo interdisciplinar de interseção como a AD.

Assim, sua aplicação deverá ser diferente. Buscamos destacar pesquisas que poderiam acontecer, utilizando a AD: 1) aspectos teórico- metodológicos dos domínios analisados; 2) construção de KOS auxiliares à representação dos domínios; 3) Ética informacional; 4) estudos aplicados a domínios específicos.

Portanto, fundamentalmente a AD, tem um grande potencial para complementar, metodologicamente, o campo por sua metodologia comprometida ideologicamente e socialmente.

AD no contexto da ORC significa uma mudança na compreensão do que é o sentido, como bem postula Orlandi (2007, p.44): “o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar”. Dito isso, significa que não há conceituação se não aquela comprometida com seu sentido e na justaposição que se constrói por meio da AD, a paráfrase para Orlandi, significa evidenciar o discurso, a posição, o dito e a ideologia. Todos os conceitos, termos, ideias, noções estão sujeitas a isso, ou melhor, *assujeitadas* a isso como bem disse, Pechêux ao longo da trajetória da AD.

Sendo assim, dispositivos da AD no contexto da ORC poderão contribuir de maneira significativa para uma melhoria na representação, tendo uma ferramenta auxiliar àquelas tradicionalmente trabalhadas no contexto da OC.

O 13 eixo da análise de domínio ficaria assim definido: 13. Análise do Discurso: as práticas discursivas do ponto de vista dos aspectos sociais, históricos e culturais da produção de discurso

do ponto de vista ideológico, e histórico dos domínios possíveis de serem analisados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste artigo, apresentar e conceituar noções fundamentais da Análise do Discurso em relação a sua história e memória, a fim de demarcar um espaço de atuação para a ORC, a partir da análise de domínio.

Pautaram-se as contribuições francesas para o aparecimento e criação da AD enquanto um campo interdisciplinar de estudo, do discurso enquanto um objetivo científico.

Destacaram-se, também, as possíveis relações entre A AD e a AC, enquanto campos de interseção teórica; considerou-se a desvinculação da análise do discurso enquanto um eixo próprio à análise de domínio. Por questões próprias e complexas da AD, da teoria da enunciação e o materialismo histórico, trabalhados em paralelo com a própria mitologia do discurso e a sua aplicação.

Desse modo, apresentou-se histórico-conceitualmente como a Análise do Discurso se desenvolveu e as formas de abordagem do discurso possíveis à ORC, quer em relação a sua *conceituação*, quer em relação às abordagens metodológicas, buscando facilitar e demarcar seu uso.

Construiu-se uma possível agenda de pesquisa para a relação ente essas áreas, especialmente impactante no contexto da análise de domínio enquanto um eixo de trabalho adicional.

Fundamentalmente, estudos interdisciplinares são recorrentes e importantes no âmbito da Ciência da Informação. Porém, é necessário o aprofundamento do estudo dessas relações e metodologias interdisciplinares.

Só desta forma é que será possível o uso e aplicação de AD no universo teórico da Ciência da Informação e organização do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, T. H. B. Discurso, documento e arquivística: trajetória de uma área. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 12, p. 97-110, 2017.
- CAMPBELL, D. G. The Birth of the New Web: A Foucauldian Reading of the Semantic Web. **Cataloging & Classification Quarterly** 43 nos. 3-4: 9-20, 2007.
- COOK, T. What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift. **Archivaria**, v.43, p.18-63, Spring, 1997.
- \_\_\_\_\_. Fashionable Nonsense or professional rebirth: post-modernism and practices of archives. **Archivaria**, v. 51, spring, p.14-35, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Archival science and post-modernism: new formulations for old concepts. **Archival Science**, vol. 1, n. 1, p.3-24 2001b.
- DANTAS, C. F. N. ; BARROS, T. H. B. ; BENCHIMOL, A. C. ; MORAES, J. B. E. . A produção científica da UFPA sobre conhecimentos tradicionais: análise das teses e dissertações disponíveis no Banco de Teses da Capes. **INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação**, v. 9, p. 48-70, 2018.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization Its scope and possibilities. **Knowl.Org** v.20, No.4, p. 211-222, 1993
- DOSSE, F. **História do estruturalismo**. Campinas: Ed da Unicamp, 1.v. 1993
- \_\_\_\_\_. **História do estruturalismo**. Campinas: Ed da Unicamp, 2.v. 1994.
- EVANGELISTA, I. V.; BARROS, T. H. B. Bragato; MORAES, J. B. E. . Uma análise do discurso da dimensão cultural da International Society for Knowledge Organization. **Informacao & Sociedade-Estudos**, v. 28, p. 37-47, 2018.
- FERREIRA, M.C.L. O quadro atual da análise do discurso no Brasil um breve perâmbulo. In: FERREIRA, M.C.L.; INDURSKY, F. (orgs.). **Michel Pêcheux e Análise do discurso: uma relação de**

nunca acabar. 2 ed. São Carlos: Claraluz, Cap. 1, p.13-22. 2007.

FOUCAULT, M.. **A ordem do discurso**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola. 1996

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense. 1997.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

FROHMANN, B. The Power of Images: a Discourse Analysis of the Cognitive Viewpoint. **Journal of Documentation** v. 48, n.4: p. 365-86. 1992.

\_\_\_\_\_. Discourse Analysis as a Research Method in Library and Information Science. **Library and Information Science Research**, 16: 119-38. 1994.

\_\_\_\_\_. Discourse and Documentation: some Implications for Pedagogy and research. **Journal of Education for Library & Information Science**, v.42, p.13-26, 2001.

\_\_\_\_\_. **Deflating Information**: From Science Studies to Documentation University of Toronto Press, Scholarly Publishing Division. 2004.

GARCIA, V. C. ; REDIGOLO, F. M. ; BARROS, T. H. B. ; MORAES, J. B. E. . POLÍTICA DE INDEXAÇÃO E SEUS SENTIDOS: um estudo a partir da Análise do Discurso. **Informação & Informação (Online)**, v. 24, p. 169-189, 2019.

HJØRLAND, B. Nine principles of knowledge organization. **Advances in Knowledge Organization**, v. 4, p.91-100, 1994.

\_\_\_\_\_. Domain analysis in information science. Eleven approaches — traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v.58, n. 4, p. 422-462, 2002a.

\_\_\_\_\_. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowl. Org.**, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.

\_\_\_\_\_. Knowledge organization. **Knowl. Org.** v.43, n 6: p.475-84, 2016. Disponível também em Hjørland, B., ed. ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization, [http://www.isko.org/cyclo/knowledge\\_organization](http://www.isko.org/cyclo/knowledge_organization).

HODGE, G. **Systems of knowledge organization for digital libraries: beyond traditional authority files**. Washington, D.C., 2001. The Digital Library Federation Council on Library and Information Resources. Disponível em [www.clir.org/pubs/abstract/pub91abst.html](http://www.clir.org/pubs/abstract/pub91abst.html)

MARTINS, W. R.; BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. Perspectivas discursivas na formação do conceito de descrição da informação em arquivística. **ÁGORA (FLORIANOPOLIS)**, v. 29, p. 1-13, 2019.

MAZIÈRE, F. **L'Analyse du Discours**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

MAZZOCCHI, F. Knowledge organization system (KOS): an introductory critical account. **Knowl. Org.** v.45, n. 1, p.54-78, 2018.

NESMITH, T. Seeing Archives: postmodernism and the changing intellectual place of archives American archivist, **Archivaria**, v.50, p.90-132, 2002.

\_\_\_\_\_. What's History got to do with it?: reconsidering the place of historical knowledge in archival work, **Archivaria**, v. 57, p. 200-240, 2004.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. A análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: FERREIRA, M.C.L.; INDURSKY, F. (Org.). **Michel Pêcheux e Análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. 2.ed. São Carlos: Claraluz, Cap.5, p.75-88. 2007

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1975, p.163-252.

SILVA, A. P. ; BARROS, T. H. B. ; MORAES, J. B. E. O discurso da imparcialidade em códigos de ética do arquivista. **ÁGORA (FLORIANOPOLIS)**, v. 2, p. 213-226, 2018.

SMIRAGLIA, R. P. **Domain analysis for knowledge organization: Tools for ontology extraction**. Oxford: Chandos Publishing, 2015

SOUZA, R. R. et all. Towards a taxonomy of KOS. **Knowl. Org.** v. 39, n.3 p.179 -192, 2012.

TOGNOLI, N. T. GUIMARÃES, J. A.C. Provenance as a domain analysis approach in archival knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 42, n. 8, p. 562-569, 2018